

Quadra sofre com lixo para reciclagem

RICARDO MARQUES

Na QI 4 do Setor de Indústria de Taguatinga, material fica na rua

A reciclagem de lixo seco (garrafas PET, plástico e papel), que deveria favorecer a preservação ambiental e o bem-estar social, está causando muito desconforto para os moradores e comerciantes da QI 4, do Setor de Indústria de Taguatinga.

As cinco empresas de reciclagem que atuam na área depositam em plena rua e calçadas o lixo que não conseguem armazenar nos seus galpões. Resultado: os moradores são obrigados a conviver com o mau cheiro e a presença constante de "visitantes" indesejados, como ratos e insetos.

O problema é antigo. M.R.S, funcionária de uma oficina de veículos da quadra, diz que há mais de sete anos luta contra os insetos e o cheiro insuportável. "Estou aqui há um bom tempo. Já fiz várias reclamações e a administração (de Taguatinga) mandou agentes de fiscalização aqui, mas nada resolve o nosso problema", reclama.

A área, que é industrial, tornou-se mista. Deste modo, moradores e trabalhadores dividem a rua com os restos de latas, plásticos e papelão reprovados pelas empresas de reciclagem. "Quando chove é pior ainda. A chuva arrasta o lixo e ele se espalha. As baratas tomam conta e fazem a festa. Toda a comunidade está incomodada", explica Cleide Farias, 23 anos, que trabalha há um ano em uma locadora de equipamentos industriais que funciona no local.

Além do mau cheiro, a água, que escorre do lixo, também assusta. "As nossas crianças têm que andar o dia inteiro com sapatos. Tenho medo que peguem doenças, por conta dos ratos e da água suja", confessa E.C, morador da QI 4.

Segundo Robério Medeiros, proprietário de uma oficina de automóveis, os ratos transitam diariamente pela sua loja. "Mantemos tudo muito limpo. Além disso, já fizemos várias desratizações. Até ratoeira eu coloco no escritório. Nada adianta, enquanto o lixo estiver nas ruas, os ratos vão entrar em nossas casas e comércios", reclama.

O administrador de Taguatinga, José Humberto, admite que o problema existe. "Os lotes disponibilizados para as indústrias não comportam a quantidade de material que eles produzem. Por isso a criação de um novo setor destinado para estes fins é prioridade do GDF", justifica.

Segundo o administrador, áreas de convivência múltipla (comércio, indústrias e moradias) realmente apresentam este tipo de problema. "Todo mundo invade área pública, por isso, fazemos fiscalizações regulares. Mas com a apresentação desta denúncia, vamos intensificar as visitas à QI 4", promete José Humberto.

A proposta de se construir um novo setor de indústrias, ao lado da Estrutural, está sendo estudada pela Administração, em conjunto com outros órgãos do GDF.



Sem espaço nos galpões, as empresas depositam o lixo prensado nas calçadas da QI 4

Empresários se defendem

Só na QI 4, do Setor de Indústria de Taguatinga, são cinco empresas que trabalham com reciclagem de lixo seco. Os materiais recolhidos e prensados nas indústrias são vendidos em outros estados, como São Paulo e Santa Catarina.

O lixo reciclado é utilizado para a fabricação de papéis, caixas-d'água, sapatos e sacolas de supermercado, por exemplo. "Eu pago impostos e gero empregos. Só na minha loja são 40 empregados e mais de 2 mil se sustentam com o recolhimento de latinhas e garrafas, são os empregos indiretos. O problema é que não temos uma área própria para

atuar", defende-se José Francisco Santana, proprietário de uma empresa de reciclagem.

Tentando amenizar o desconforto da comunidade, José Francisco, o Zequinha, comprou pó de asfalto para formar barreiras que evitam o escoamento do lixo. "Isso aqui é um investimento meu", alega.

Segundo ele, o lixo não fica armazenado durante muito tempo, e por ser material seco, não causa mau cheiro. "Esta é uma área de indústria. Temos o direito de estar aqui. O lixo é rotativo, não fica armazenado na calçada por muito tempo. Só o que tenho aqui é plástico e papel,

isso não fede", garante, apesar do evidente odor nada agradável do local.

Outro proprietário que se aborrece com as queixas da comunidade é Hélio de Souza. Desde 95 na QI 4, ele alega que, quando montou sua empresa, não havia residências na quadra. "O governo deve-ria criar uma área só para fábricas de produtos reciclados.

Tudo o que é jogado fora e pode de ser reaproveitado nós usamos. Além disso, até o lixo que não é aproveitado é jogado fora por nós. Separamos e transportamos com os nossos caminhões para o lixão", garante Hélio.

Ratos invadem as oficinas

Na queda-de-braço entre comerciantes, moradores e proprietários das fábricas de reciclagem da QI 4, cada um enfrenta o problema de seu jeito. Os donos de lojas do local precisam gastar dinheiro com dedetização, os que reciclam, gastam com materiais que tentam amenizar a sujeira e a comunidade se vira para evitar doenças que podem ser transmitidas pelo lixo.

Nas oficinas que funcionam no local, os mecânicos não podem deixar os veículos abertos, pois os ratos entram e fazem a festa. As recepcionistas das lojas trabalham com os pés em cima das cadeiras para evitar o contato com os animais que circulam permanentemente pela rua. "Trabalho em meio às ratoeiras. É comum pedir socorro ao chefe ou aos colegas de trabalho quando um bicho desse aparece na minha sala", conta Adriana Ribeiro, 26 anos, gerente de uma loja da QI 4.

Enquanto isso, os proprietários das fábricas de reciclagem alegam falta de espaço para armazenar seus produtos e reivindicam um local exclusivo para exercer suas atividades. "A ação imediata consiste em intensificar a fiscalização na QI 4. Mas o problema só será resolvido permanentemente com a criação do novo setor de indústria. Assim, o local seria apenas habitacional e lojas e moradores ficariam satisfeitos", conclui José Humberto, administrador de Taguatinga.